

Mulheres migrantes e as “novas” relações de trabalho e família: o caso da expulsão rural em São Sepé/RS (1970-1974)

FELIPE RIOS PEREIRA¹

DIORGE ALCENO KONRAD²

Introdução:

Este trabalho é uma reflexão realizada a partir dos resultados parciais obtidos na pesquisa de mestrado denominada “Ressignificações das Relações de Trabalho e Família Durante a Expulsão do Campo na Cidade de São Sepé/RS”. A síntese das fontes considerou a realidade de trabalhadores e trabalhadoras que migraram no início da década de 1970 do campo para a cidade. Nesse sentido, tem-se o intuito de verificar em que medida a mudança ambiental afetará as famílias tanto em suas relações sociais, como nas laborais, dando enfoque em como a construção de papéis sociais de homens e mulheres será resignificada em alguns pontos e, por outro lado, será mantida em outros aspectos.

A escolha da cidade deu-se pela necessidade de pensar e problematizar a História da Ditadura a partir de um município interiorano, afastado de grandes capitais e, a partir da conjuntura em questão, situar em que medida o governo civil-militar impactou e transformou o cotidiano e a estrutura econômica e política de cidades de pequeno porte. O município em questão é pensado como exemplo e a partir das relações sociais pesquisadas foram pensadas as resignificações mais profundas no que toca aos trabalhadores e trabalhadoras.

O maior ponto de observação foi a saída das mulheres sepeenses para o mercado de trabalho, em que verificou-se as funções que elas irão encaixar-se, como são remuneradas pelos patrões em comparação aos homens e se detém direitos trabalhistas assegurados na realidade urbana. Para considerar a realidade em questão explorou-se o conceito de “cuidado” da antropologia, apontando como no ambiente do lar a figura feminina seria a responsável por educar e cuidar de filhos, dar suporte ao marido, cuidar da limpeza e medicina na casa, etc. Quanto a essa conjuntura, segundo Freitas e Nunes:

¹ Autor. Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria. Endereço Eletrônico: feliperiospereira@gmail.com. Telefone: 55-96910023

² Co-autor. Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal de Santa Maria.



As forças produtivas se alteraram substancialmente com a lógica de acumulação flexível do capital. As lutas pela emancipação feminina, a queda da taxa de fecundidade e a melhora do nível escolar propiciada pela transformação cultural ocorrida no Brasil a partir dos anos 1970, o que levou o número de mulheres nas universidades, também permitiram a maior participação feminina no mercado de trabalho; elas puderam sair da esfera privada do lar e adentrar nas relações produtivas de trabalho. Cabe ressaltar que, de modo geral, a inserção feminina veio associada de uma lógica de precariedade. (p. 35)

No mesmo sentido, mas numa espacialidade e de indivíduos diferentes, considerando as mulheres camponesas que migram. As sujeitas da pesquisa também estariam na mesma condição ao sair para o mercado de trabalho, mas, dessa vez, diferente do trabalho não remunerado que faziam envolvendo-se com a agricultura no campo, ocupando esse papel para a famílias de classe média e de latifundiários, colocando-se como lavadeiras, empregadas domésticas, babás, professoras, entre outras. Lembrando sempre que essas funções seguiam sendo exercidas no espaço doméstico de sua família. Tanto na esfera de seu lar como no externo mantinha-se um padrão de gênero no campo do trabalho em que homens e mulheres compunham tarefas e papéis determinados para aquela sociedade sepeense dos anos 1970. Segundo Araújo e Scalon:

O acesso das mulheres ao trabalho pago permanece condicionado pela domesticidade de suas relações, como se fosse uma dimensão exterior as suas vidas. Já o acesso dos homes continua naturalizado, considerado um imperativo e percebido a partir de suas trajetórias, possibilidades de ganhos e de realização pessoal dentro do mundo do trabalho. (p. 19)

O estudo também pretende demonstrar as tensões geradas no ambiente familiar com a dupla jornada de trabalho e as estratégias que serão utilizadas para manutenção de uma harmonia entre os indivíduos no lar, considerando um contexto em que homens não deveriam, por seu status na comunidade, dedicarem-se a tarefas de cuidado e em que mulheres tem cada vez um tempo menor para o “cuidado” de suas famílias.

Reflexões e métodos:

Em um primeiro momento é preciso destacar algo básico para a pesquisa a partir de uma história das mulheres nesse período: elas estão na Ditadura? Melhor dizendo, elas estão na História? Essas são perguntas que decididamente encontramos dificuldade de responder, caso voltemos o olhar para quem de fato compõem o centro das análises históricas. Mesmo em pesquisas mais progressistas, é justamente a figura masculina que domina as narrativas.

Muito pouco, ou quase nada encontramos a respeito do lugar e do papel, como protagonistas, das mulheres nesse período. Elas não estariam lá? Obviamente que sim, mas, infelizmente, seu papel segue sendo deixado de lado a não ser por pouco historiadores ou a quem dedica-se de fato ao estudo de gênero. Nesse sentido, senti a necessidade de evidenciar devidamente o papel e o protagonismo histórico das mulheres que viveram o processo de migração ocorrido no início dos anos 1970 e de consequente crescimento dos bairros e das cidades.

Apesar de o trabalho inserir-se na perspectiva de traçar os rumos macro e micro desse processo histórico, não poderia correr o risco de apagamento de indivíduos, ditando um passado e memória da “sociedade”, quando na verdade, se apenas fontes tradicionais fossem pesquisadas, haveria um apagamento da mulher, bem como de tantos *periféricos*. A delimitação desse trabalho, em um recorte menor da pesquisa, evidencia essa necessidade.

A utilização desse último termo (*periféricos*), vai ao encontro de uma perspectiva da *História vista de baixo*, a qual percebe uma exclusão de diversos grupos e de indivíduos, quando escreve-se ou narra-se uma História de caráter tradicional ou mesmo generalizante sob qualquer outra corrente teórica. Por esse viés, A sociedade sepeense não é entendida de um modo estreito e único, ela é, entretanto, um campo de disputa e de hegemonia entre segmentos socioeconômicos e políticos em meio a Ditadura (como o seria em qualquer período passado ou mesmo no presente). O que mais vale é demonstrar como pessoas vistas pela oficialidade como “comuns” ou não importantes são sujeitos ativos do processo histórico e quem realmente sustenta a base daquela sociedade. Ainda segundo o que afirma Jim Sharpe (2013):

Os propósitos da História são variados, mas um deles é prover aqueles que a escrevem ou a leem de um sentido de identidade, de um sentido de sua origem. Em um nível mais amplo, este pode tomar a forma do papel da história. Embora fazendo parte da cultura nacional, na formação de uma identidade nacional. A história vista de baixo pode desempenhar um papel importante neste processo, recordando-nos que nossa identidade não foi estruturada apenas por monarcas, primeiros-ministros ou generais. (P 60)

A pesquisa visa com isso, contribuir para a compreensão de que determinadas relações de trabalho, gênero e cultura são construções históricas, indissociáveis em compreensão com uma síntese do passado. Esses sujeitos que hoje agem de determinada maneira, pensam de determinada maneira e sonham de determinada maneira, muitas vezes o fazem por raízes sociais constituídas em um outro momento do passado e possuem uma identidade que as vezes é esquecida ou simplesmente omitida por não considerá-la válida ou importante na sociedade.

Esse tipo de constituição foi encontrado nos sujeitos da pesquisa, que não acreditavam ser a sua trajetória e memórias passíveis de serem contadas. A História válida era sempre a da classe dominantes e nunca a sua. Tal conclusão foi tirada utilizando-se o método da História Oral, tendo como foco trabalhadoras que vivenciaram essa conjuntura. Para se ter uma ideia, todas as entrevistadas apontaram outras pessoas que não elas para serem foco da entrevista quando procuradas. Uma reflexão é necessária, obviamente sobre esse fato, principalmente quanto a quem deve ter sua memória evidenciada, ou melhor dizendo, os membros de qual gênero e/ou classe social merecem ter sua história contada?

Segundo Cardoso (2012) é preciso compreender melhor tais enfrentamentos e batalhas no campo da memória quanto ao que se refere a Ditadura, observando as perspectivas e situações de classe dos indivíduos e dos grupos que produzem visões do passado. A autora defende que:

Assim, torna-se essencial para o historiador, hoje, refletir sobre a relação entre a memória e a história, tanto pela identificação que existiu (e existe) em maior ou menor grau, entre ambas, como pelas relações complexas que envolvem a história e a memória nos processos de construção da identidade. Os depoimentos não são apenas meras exteriorizações de realidades, mas expressam um novo fato a ser investigado, erigindo-se enquanto discurso específico que reclama a sua legitimidade frente a outros discursos fornecendo, portanto, uma resposta particular às exigências do passado rememorado. (p. 29)

Nesse mesmo sentido, foi pesquisado e evidenciado que na História traçada a partir de órgãos do poder público municipal, apenas poucos indivíduos, normalmente homens com alto poder aquisitivo é que foram fazer parte dos livros e tornar-se parte e nomes dos locais de memórias.³ Um outro campo onde isso ficou evidente foi no livro “*personagens da História*” feito pela secretaria de cultura da cidade, o qual também carrega apenas nomes de homens “proeminentes” de tempos passados.

Os jornais, bem como os documentos oficiais são outro espaço em que o mesmo tipo de orientação aparece. No caso do periódico sepeense “A palavra”, que circulava semanalmente, é nítida a construção de um discurso das camadas dominantes e a reprodução de um ideal corrente na época de padrão de indivíduo. Essa reflexão se faz notar tanto em notícias que referem-se a mulheres, quanto em propagandas de lojas da cidade, que atribuem um padrão de submissão a figura feminina. Observemos a imagem abaixo:

³ Conforme embasado pelas reflexões de Pierre Norra (ver referências)



O trecho destacado, refere-se a uma reportagem de uma edição de junho de 1972. Essa é uma das reportagens bastante comuns a época, caracterizando o elucidado anteriormente. Em que papéis são delimitados a homens e mulheres, sendo que a elas cabe a esfera de trabalhos com o lar. O que também aparece nas propagandas, que são quase que exclusivamente voltadas ao público feminino quando trata-se de algo ligado a costura, eletrodomésticos e produtos de beleza, e quando trata-se de trabalho externo a casa para figura masculina. É o que corroboram Freitas e Nunes (2011):

A divisão sexual do trabalho tem por característica a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva, funções exercidas no âmbito público e que tem grande reconhecimento social, e das mulheres a esfera reprodutiva, funções exercidas no campo privado, sem valorização social e que tem associação direta com as atividades domésticas. O cuidado com as crianças, com os adultos dependentes e a gestão da esfera familiar em geral fica a cargo da mulher.(p.215)

Assim, a variedade de reportagens e fontes jornalísticas que apontam para esse caminho de interpretação daquela realidade, foram cruzadas com relatos diretos das mulheres. Foi utilizado para isso o método da História Oral, no qual buscou se averiguar dialeticamente uma relação entre o visto nos jornais e atas, com o imaginário social e de realidade das trabalhadoras centro da pesquisa.

As possibilidades de, através da oralidade e memória, estabelecer a complexidade desse passado, a Historiadora Delgado (2014), em um diálogo com Paul Thompson, estabelece algumas das possibilidades de (re)memorar o passado e constituir elementos essenciais a pesquisa. Segundo ela:

- reacender e reviver utopias e sonhos de um tempo anterior que marcou suas vidas individuais ou comunitárias;
- reconstruir a atmosfera de outros tempos, relembando hábitos, valores, e práticas da vida cotidiana;
- reacender emoções de diferentes naturezas: individuais, sociais, políticas, culturais;
- lembrar convivências mútuas que se constituíram na dinâmica da História;
- representar e reativar correntes de pensamento;
- reviver embates políticos e ideológicos;
- reconstituir climas de religiosidade, de lazer, de companheirismos, de lutas.

Portanto, tal como apreender a amplitude do passado é um desafio para o ser humano, ativar a memória também o é, pois a memória, além de incomensurável,

Os princípios norteadores da concepção de História Oral neste trabalho vão ao encontro dos elementos levantados pela autora. Foram consideradas as possibilidades principalmente relacionadas ao segundo, quarto e ao sétimo itens, os quais aproximam-se a um olhar antropológico que corre em paralelo com as reflexões Históricas. As memórias e os rastros que os testemunhos orais estabelecem, são formas de encontrar-se com esse passado factual dos grupos e classes sociais estudados e, com respeito as divergências de discurso, (re)memorar a conjuntura de forma concreta e complexa, delimitando acontecimentos e estruturas chaves para os sujeitos.

Explicando melhor, as perguntas não obedeceram uma ordem rígida de um questionário fixo como acontece em muitos trabalhos de História Oral. Cada entrevistada respondeu perguntas únicas e pertinentes aos assuntos aos quais ela escolheu para tratar. A ideia foi, a partir da sensibilidade e persuasão do entrevistador, buscar fluir uma conversa em que as questões se moldassem ao discurso que era construído pelo entrevistado e não o contrário. Por essa concepção, mesmo tensionado, o entrevistado é quem conduz a entrevista, atuando o pesquisador com um facilitador e estimulador dos relatos orais que vão sendo descritos.

As sujeitas da pesquisa:

A iniciativa de optar pelos periféricos como foco de análise, foi também de possibilitar voz direta a esses indivíduos. Isso se deu, por parte de um diálogo constante entre teoria e prática em questões sociais. Considerando o presente (e os historiadores nele), tem sido demanda cada vez maior dos grupos que compõem os movimentos sociais e partidos com base sociais trabalhadoras, dar voz ativa aos sujeitos na formulação e construção de ideias.

Tal ponto é de demarcar seu espaço e de demonstrar que os de baixo podem e devem, por si só, não por intermediários ou representantes, demonstrar suas orientações políticas, sua realidade, assim como as opressões que lhes são impostas por indivíduos com privilégios de gênero ou de classe. Mais uma vez ressalto que há, nesse caso uma *opção metodológica* ao adotar determinado método, como é o caso da história oral, como elemento central da pesquisa. A voz a ser ouvida é a das próprias trabalhadoras e não apenas a de documentos construídos pelas camadas dominantes da sociedade.

Não por desprezo a esse uso metodológico das fontes de elites, tanto é que elas estarão presentes nesta pesquisa através do Jornal A Palavra e das atas da câmara de vereadores, mas



por convicção da necessidade de reconstrução de uma voz direta da classe trabalhadora, juntando o fato que, no passado mais recente de cerca de 45 anos atrás é possível ainda (re)memorar experiências. É preciso aproveitar ainda os últimos ecos dessa oralidade para que tal cultura não se perca definitivamente e esse passado fique quase inacessível de um ponto de vista mais orgânico a esses sujeitos.

Vale lembrar também que a chegada na zona urbana ressignificou as relações de trabalho feminino, já que agora, ela passava a ser assalariada, por mais que as desigualdades se mantivessem, tanto no privado, com mulheres mantendo-se no *cuidado* da sua família, quanto no público com salários inferiores e menor poder simbólico. Esse conceito é utilizado na perspectiva de Araújo e Scalon, em que “Entende-se por *cuidado* a provisão diárias de atenção social, física, psíquica e emocional às pessoas. Este, assim como as responsabilidades familiares, ao ser atribuídos exclusivamente às mulheres, prejudica-as e tem consequências no desenvolvimento de sua cidadania social” (2005. P.22)

Assim, para averiguar a aplicação desse conceito, bem como de outras hipóteses da pesquisa, um grupo de 4 mulheres, em diferentes condições foram entrevistadas, bem como foi explorado, a partir de seus relatos, e de que forma outras mulheres, entre familiares e amigas, também foram impactadas. Desse modo, descreverei brevemente o processo de entrevista, bem como a realidade de cada uma dessas mulheres para exemplificar e contextualizar as experiências acima descritas:

Ondina – Ela é uma senhora de 68 anos que bem jovem vivenciou o processo de migração, sendo justamente uma mulher agricultora que saiu de uma localidade rural afastada daquele município, “Juliana”, vindo com sua família para a cidade ajudar a montar o bairro que se chamaria Tatsch. Ondina faz parte também das mulheres que saem para o mercado de trabalho remunerado pela primeira vez (mesmo que já trabalhassem antes sem remuneração no interior). Sua questão de dupla opressão, por classe e por gênero foi de suma importância na realização de sínteses nesse trabalho. Seu emprego na cidade era de lavadeira, atendendo a famílias de fazendeiros e empresários, atuando juntamente como outras mulheres da família na função. Enquanto isso os rapazes ocupavam-se do carregamento de materiais de construção e, mais tarde, trabalharam em uma olaria.

Foram feitas duas entrevistas com ela, uma em setembro de 2013, a outra em março de 2015. A primeira concentrou-se mais na realidade do campo, como era constituída a situação de sua família no campo e que motivos os levou a migrarem para a cidade. Já a segunda teve um intuito de concentrar-se mais em questões de gênero e dos mundos do trabalho na

espacialidade urbana. Tentar aproximar-se da percepção de uma mulher sobre as transformações e ressignificações daquele período. A realização da entrevista deu-se tranquilamente, sendo realizada na casa de Ondina mesmo, em ambas as ocasiões. Houve um cuidado em especial na questão das perguntas, de modo a estabelecer um foco nos aspectos desejados e conseguir respostas qualitativas desde antes de iniciar as gravações, algo que ocorreu em todas as outras entrevistas orais.

Marlene – Ela foi a primeira entrevistada do presente ano, aspecto importante para o desenrolar da pesquisa, dado os seus contatos.. Residente atualmente do bairro Tatsch, o primeiro contato deu-se por indicação de Ondina, que disse que ela havia vindo do interior para a cidade nesse período de 1970, sendo assim possível respostas e memórias a partir de seus relatos.

A primeira conversa deu-se com seu marido, Julio, que já apontava para a necessidade de entrevista com um membro ao menos de sua família, dado que haviam migrado do interior do Município de cachoeira para o interior de São Sepé, logo depois migrando para o perímetro urbano⁴. Preferi então pelo relato de Marlene, visto que um dos pontos da pesquisa é estabelecer o papel e a visão da mulher no trabalho e na família, sendo absurdo que, na existência de relatos diretos de mulheres, eu optasse pela figura masculina.

Assim, Marlene como mulher e, em um outro recorte étnico importante, como negra⁵ foi uma opção importante para iniciar a mapear tais visões específicas e dar espaço e voz a mais um grupo silenciado e despercebido na História Oficial, as mulheres. Um processo semelhante ocorre como o antes citado apagamento de trabalhadores, em que uma história da classe dominante é contada como História de todos e oficial.

A entrevista oral correu relativamente bem, ocorrendo em sua residência. Um ponto apenas ocorreu que preciso destacar. Durante o processo, Marlene conversou normalmente durante a primeira fase, entretanto, quando o gravador foi ligado ela não reagiu muito bem, retraindo-se em muitas perguntas. Acredito, pelas suas expressões físicas e orais que tenha ficado nervosa pela presença do aparelho. Por questões éticas não foi necessário avisá-la que iria gravar, sendo assim, não foi possível evitar tal problema.

No entanto, tomei nota de vários dos relatos feitos antes da gravação e eles serão devidamente utilizados. Acredito que, por mais que tenham havido problemas, a integridade do

⁴ Pela necessidade de mapear realidade de famílias distintas e perceber a maior variedade possível de visões e de dados daquele passado, nunca se entrevistou duas pessoas de uma mesma família.

⁵ Notei a necessidade de demarcar negros e negras no trabalho, visto que no relato de um entrevistado homem em outro ponto da pesquisa tal ponto ficou em aberto vários pontos da presença de negros e da relação com a realidade do trabalho. É também significativa a sua presença em bairros periféricos, assim como o silenciamento de sua presença nas narrativas, como acontece com os outros grupos antes descritos.

material de fonte obtido é garantida, sendo possível extrair as informações necessárias, já que ela se concentrou muito na narrativa, e antes disso, na realidade de sua família e em como foi sua saída para o trabalho remunerado.

Na época ela trabalhou como empregada doméstica e cuidadora de crianças na casa de médicos da cidade, sendo que seu marido ocupava função de “peão” em uma fazenda do interior. O trabalho assalariado nessas condições foi a forma encontrada para amparar seus sete filhos e possibilitar uma realidade de recursos básicos para alimentação e para educação deles, como me descreveu.

Eleonor – Durante a entrevista com Marlene, ela e seu marido indicaram alguns nomes possíveis para o prosseguimento do trabalho, principalmente de mulheres com que ela havia convivido quando começou a trabalhar em casas de família ou que lembrasse da época quando era mais jovem. A senhora Eleonor foi um dos nomes indicados, já que havia vindo com seu marido (hoje já falecido) para a zona urbana naquele período.

Hoje ela vive sozinha, próximo a casa de familiares em uma zona mais afastada do bairro Tatsch. Estabeleci o primeiro contato e no mesmo dia acabei por realizar a entrevista oral. Eleonor não teve problemas com o gravador, apenas me contou suas memórias com tranquilidade e demonstrando como foi sua vinda para a cidade e os desafios de criar seus filhos e construir sua residência, dada a sua situação humilde e de rendimentos baixos, como a de outras famílias de trabalhadores da época.

Os pontos concentraram-se mais na vida familiar e de trabalho das mulheres, bem como da visão que ela teve da cidade e do crescimento (surgimento) de seu bairro quando se estabeleceu por ali. Alguns pontos quanto as necessidades básicas de vida e serviços que gostariam de ter acesso os trabalhadores que chegavam na cidade também foram evidenciados no seu relato, revelando um desejo e esperança por saúde e Educação para sua família na vinda para a cidade, um ponto forte quanto a migração

Lídia: Ela foi a última entrevistada até o momento⁶. Da mesma forma que no depoimento anterior, estabeleci contato por influência de Marlene, que disse ser ela uma referência dos humildes e “pobres” na cidade.

Achar sua residência foi um processo difícil. Hoje ela habita em local próximo ao Rio São Sepé, uma região mais afastada e um misto de zona rural e zona urbana. Após um tempo, consegui chegar até seu lar, uma casa simples onde mora com sua filha e netos. Da mesma

⁶ Estou estabelecendo contato para, até a finalização completa da pesquisa, entrevistar mais duas pessoas, totalizando 11 entrevistas e 9 entrevistados oralmente ao longo da pesquisa de mestrado, além, claro, das demais fontes.



forma que demarquei com Marlene sua entrevista foi bastante relevante, visto que Lúdia é mulher e negra, e um viés específico pode se estabelecer a partir de sua fala.

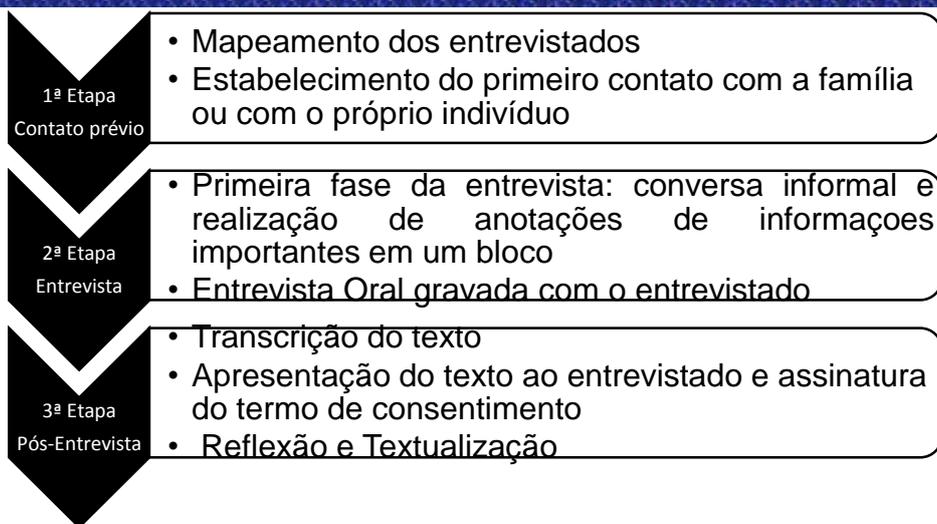
Lúdia tem também uma idade bem avançada, vivendo o processo de migração por volta dos 40 anos, quando veio de uma região próxima ao interior de Caçapava do Sul para a área urbana de São Sepé. Desde então trabalha e vive com sua família por aqui, atuando, nos anos 1970 como lavadeira, costureira e fazendo trabalhos variados desde então. Hoje, aposentada, ainda trabalha como costureira.

Quando cheguei a sua casa pela primeira vez ela estava a máquina de costura, era início de outono, no mês de março de 2015. Ela empenhava-se em terminar uma colcha feita com retalhos, a qual se juntaria a um monte de roupas que estavam destinadas a pessoas carentes da cidade. Disse-me fazer esse trabalho a anos e logo entendi o motivo para ela tratar-se de uma referência, tal como havia me dito Marlene.

Sua solidariedade, estaria longe de uma atitude cínica de reparação de opressões, como a classe dominante faz ao distribuir donativos tentando sentir-se bem pela própria vulnerabilidade social que provoca em meio ao capitalismo. No caso de Lúdia, pela própria conversa, pude perceber que se trata de uma solidariedade de classe, para com outros tantos periféricos da cidade, aos quais ela sabe tão bem as dificuldades.

Dificuldades essas que na conversa inicial já pude perceber que ela vivenciou, ao migrar e ter dificuldades grandes para estabelecer-se, demonstrando os bairros que surgiam como ambientes inóspitos. Pela sua longa trajetória pude realizar uma série de anotações e obter uma entrevista oral com um bom tempo de duração (que durou cerca de 20 minutos). Os focos concentraram-se nos vários aspectos gerais antes demonstrados e que repetiram-se em algumas das entrevistas (até pela busca de uma síntese). Ela informou-se que, assim como Ondina, atuou enquanto lavadora, enquanto seu marido trabalhava como assalariado nas terras de fazendeiros do interior.

Essas foram as mulheres alvo de entrevista. Para encerrar e situar o leitor, em todo o processo de entrevista foi delimitado o seguinte procedimento apontado no quadro abaixo para fins de apreciação:



Primeiros resultados e conclusões:

É perceptível nas entrevistas um aspecto comum entre essas mulheres trabalhadoras: a realidade de saída para o mercado de trabalho nos anos 1970. Essa saída é devidamente acompanhada da limitação pelo conceito de cuidado, não podendo ocupar outro espaço que não aquele esperado para uma mulher naquela sociedade. Sua função, como apareceu nas entrevistas orais era de lavadeira, costureira, cuidadora ou doméstica, não sobrando espaço para profissões que rompessem com a esfera de relações que eram ditadas em seus próprios lares e espaços familiares.

Os símbolos culturais irão evocar representações acerca dos sexos e os conceitos normativos, colocando em evidências as interpretações desses símbolos, irão funcionar como delimitadores do masculino e feminino. Esses conceitos são expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas e ajudam a reforçar uma oposição binária que irá afirmar de forma categórica os sentidos do masculino e feminino. Papéis como os estabelecidos irão cumprir uma primazia nas relações individuais e coletivas, havendo pouco espaço para além disso. A ideia de liberdade é assim não plena, visto que essas mulheres precisam ocupar padrões aos quais a sociedade espera delas. Segundo Orozco

Hombres y mujeres tienen una presencia diferencial en las cadenas. Ellos tienden a ser sujetos beneficiarios más que a asumir responsabilidades sistemáticas en la provisión de cuidados. Esta responsabilidad tiende a recaer en las mujeres, quienes suelen asumir un protagonismo activo. En todo caso, la extensión y forma de las cadenas dependen de la distribución intrafamiliar de los cuidados. Dependen también de otros factores como la existencia de servicios públicos de cuidados, el peso del sector empresarial organizado, las políticas migratorias, la regulación del empleo doméstico, etc. Las cadenas conectan múltiples modalidades de cuidados en diversos escenarios: el mercado, lo doméstico, instituciones públicas o privadas sin ánimo de

lucro... Y esos cuidados se mueven por lógicas distintas: una persona individual puede cuidar porque busca un salario y/o estar movida por sentimientos de afecto, responsabilidad, coerción, culpa... Si los cuidados se proporcionan a través de una empresa, siempre habrá un móvil de obtención de beneficio, mientras que si se proporcionan en una institución pública, el objetivo será proporcionar derechos sociales.

Essa perspectiva vai ao encontro de uma noção em que o gênero, construído socialmente, pode ser um aprisionador no campo das relações de trabalho, limitando não apenas socialmente. Esta visão, conecta as múltiplas estruturas da sociedade, demonstrando que os diversos fatores que constroem uma cidade influenciam direta ou indiretamente em padrões, sejam na questão das relações do ambiente privado ou externo.

Nessa linha, se vai ao encontro da definição de gênero para Scott, a qual tem como núcleo básico duas proposições, o gênero como um elemento constitutivo de relações sociais, baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e como uma forma primeira de significar as relações de poder. A autora ainda traz uma série de elementos que ajudam a justificar e construir essas relações baseadas nos fenótipos.

Em outras palavras, a imagem da mulher, mesmo em seu corpo físico é significado nas sociedades de forma a contribuir nas relações de poder masculinas. Assim dito, esse conceito de gênero é entendido aqui tanto a partir de uma perspectiva fenotípica, como constructo social, uma vez que as mulheres em questão são vistas e atreladas ao cuidado e condenadas a uma sociabilidade restrita aos moldes que aquela sociedade espera.

Foi visto que a imagem da mulher, em meio a esse processo histórico não era atrelada ao protagonismo, relevado ao homem. Isso mesmo dentre a classe trabalhadora. Evidente que com um maior enfoque ao homem que detém os meios de produção, mas ao observar a História desses periféricos, ficou evidente divisões e frações internas, como a evidenciada no artigo quanto a gênero que necessitavam ser evidenciadas para que não se relegasse os acontecimentos apenas a transformações econômicas.

Referências Bibliográficas:

ARAÚJO, Clara; SCALON, Celi. **Gênero, Família e Trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. 340p.

CARDOSO, Lucileide Costa. **Criações da Memória: defensores e críticos da Ditadura**. (1964-1985). Editora UFRB, Cruz das Almas, 2012. 248p.



FREITAS, Revalino Antonio de; NUNES, Jordão Horta. **Trabalho e Gênero: Entre a solidariedade e Desigualdade**. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2011. 258p.

FUNDAÇÃO CULTURAL AFIF SIMÕES FILHO. **Personagens da história**. São Sepé: 2002. 210p.

OROZCO, Amalia. **Cadenas globales de cuidado**. Santo Domingo: INSTRAW, 2007.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, PUC, n.10, p.7-29, dez. 1993.

RICOEUR, Paul. **Entre o tempo vivido e o tempo universal: o tempo histórico**. In: Tempo e narrativa. São Paulo: Martins Fontes, 2010, v. 3, p. 176-213.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e realidade, v. 20, n. 2, 1991.

THOMPSON, Edward Palmer. **A Formação da classe trabalhadora inglesa**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

Sítio Visitado:

ATAS DA CÂMARA DE VEREADORES DE SÃO SEPÉ: Janeiro de 1971 a dezembro de 1973

JORNAL A PALAVRA: Janeiro de 1970 a dezembro de 1973